A prática intelectual de Michel Foucault e a de Donna Haraway: saberes localizados e subjugados

La pratique intellectuelle de Michel Foucault et de Donna Haraway: savoirs situés et assujettis

Priscila Piazentini Vieira *
Universidade Federal do Paraná

Resumo

Este artigo discute a prática intelectual de Michel Foucault e a de Donna Haraway. Para isso, destaco como a figura do intelectual mudou entre as décadas de 1960 e 1980. Mais do que ser pensado como o portador do "universal", o intelectual passa a atuar nos lugares "específicos" onde se situa, como a moradia, o hospital, o asilo, o laboratório, a universidade e as relações familiares ou sexuais. Participando dessas mudanças, Haraway e Foucault criaram novos modos de produção do conhecimento, elaborando conceitos próprios e transformando o campo da prática intelectual do período. Para compreender esses espaços de criação, ressalto como Haraway e Foucault estabelecem outras relações com a ciência, a verdade e a objetividade, principalmente ao proporem que entendamos os saberes como localizados, privilegiando a perspectiva dos subjugados.

Palavras-chave: Michel Foucault; Donna Haraway; saberes localizados e subjugados.

Résumé

C'est article parle de la pratique intellectuelle de Michel Foucault et de Donna Haraway. Pour comprendre cela, je souligne comment la figure de l'intellectuel a changé parmi les années 1960 et 1980. Plus que d'être pensé comme le porteur de "l'universel", l'intellectuel commence à agir dans les lieux "spécifiques", où est situé, comme le logement, l'hôpital, l'asile, le laboratoire, l'université et les relations familiales et sexuelles. En participant de ces déplacements, Haraway et Foucault ont créé de nouveaux modes de productions de la connaissance, ont élaboré des concepts spécifiques et ont changé le champ intellectuel de la période. Pour comprendre ses espaces de création, je souligne comment Haraway e Foucault établissent d'autres relations avec la science, la vérité et la objectivité, principalement en proposant que nous comprenions les savoirs comme situés, pour lesquels les point de vues des assujettis sont privilégiés.

Mots-clés: Michel Foucault ; Donna Haraway ; savoirs situés et assujettis.

● **Enviado em: 30/05/2019**
● **Aprovado em: 31/07/2019**

* É professora do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná.

Michel Foucault, Donna Haraway e a prática intelectual

As trajetórias de Michel Foucault e Donna Haraway integram um período histórico de transformações no modo de entender a prática intelectual.[1] Foi entre as décadas de 1960 e 1980 que os impactos sentidos foram maiores, mesmo que o próprio Foucault já apontasse, na entrevista dada a Alexandre Fontana, em 1977, "Verdade e Poder"[2], um deslocamento a partir da Segunda Guerra Mundial, e que ainda sintamos essas reverberações até os dias de hoje. Tratava-se, nessa ocasião, de entender e deslocar-se da figura mais tradicional do "intelectual universal", que era o representante do universal, dono da verdade e da justiça. Foucault destaca uma correlação dessa imagem com uma determinada concepção de proletariado:

> Creio que aí se acha uma ideia transposta do marxismo e de um marxismo débil: assim como o proletariado, pela necessidade de sua posição histórica, é portador do universal (mas portador imediato, não refletido, pouco consciente de si), o intelectual, pela sua escolha moral, teórica e política, quer ser portador desta universalidade, mas em sua forma consciente e elaborada.[3]

Esse caráter universal permitia-o falar em nome das massas e lutar pelo que era justo para todos. Diferentemente desta função, o "intelectual específico" atua em setores determinados, em pontos precisos nos quais estava situado, tais como suas condições de trabalho ou de vida, como a moradia, o hospital, o asilo, o laboratório, a universidade e as relações familiares ou sexuais.[4] Essa outra figura do intelectual passa a resolver problemas que lhe eram específicos e diferentes daqueles encontrados pelo proletariado e pelas massas. Ainda assim, como aponta Foucault, acabou aproximando-se, também, destes últimos, pois:

> (...) se tratava de lutas reais, materiais e cotidianas, e porque encontravam com frequência, mas em outra forma, o mesmo adversário do proletariado, do campesinato ou das massas (as multinacionais, o aparelho jurídico e policial, a especulação imobiliária, etc.).[5]

Quanto à militância política com os grupos marginalizados da sociedade e, no caso específico de Foucault, com os prisioneiros, ao formar o GIP (Grupo de Informações sobre as

1 Desenvolvi essa reflexão em: VIEIRA, Priscila. *A coragem da verdade e a ética do intelectual em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2015.
2 FOUCAULT, Michel. "Verdade e Poder". In: *Microfísica do Poder*. 21a. Ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2005, p. 9.
3 Idem, p.8.
4 Idem, p.9.
5 Idem.

Prisões), entre 1971 e 1972, ao lado de Domenach e Vidal-Naquet, o objetivo do "intelectual específico" não era se colocar no lugar dos prisioneiros, mas recolher informações por meio da distribuição de uma série de questionários distribuídos aos prisioneiros, aos seus familiares e às pessoas que circulavam nos estabelecimentos penitenciários franceses.[6] Além disso, Foucault também não tinha a pretensão de fazer com que os prisioneiros tomassem consciência da situação, já que há muito tempo eles a possuíam, só não tinham os meios para exprimi-la, como afirma em "Pesquisa sobre as prisões: quebrando as barreiras do silêncio".[7] Dessa maneira, Foucault prestou atenção nos saberes desqualificados como insuficientemente elaborados, hierarquicamente inferiores no nível requerido de cientificidade, o que ele chamou de saber histórico das lutas, em "Genealogia e poder", ou seja: "um saber particular, regional, local, um saber diferencial incapaz de unanimidade".[8]

Não foi somente Foucault quem realizou essa crítica à figura do "intelectual universal", inventando novas formas de militâncias políticas. Haraway, na década de 1980, também insistia na importância das práticas de contestação política serem recriadas. Em seu *Manifesto Ciborgue*[9], ela desejou que o sujeito revolucionário, defendido no século XIX, desse ao século XX uma trégua, escapando de uma história profética da salvação.[10] Ela, também, com o intuito de renovar as posições revolucionárias, lembrou que as epistemologias, principalmente entre as décadas de 1960 e 1970, chamaram a atenção para os limites da construção das identidades. Haraway alertou para a necessidade de se inventar uma outra política, que se preocupe em transformar as relações de classe, raça e gênero e que esteja atenta para a construção de uma nova forma de sujeito. Ela, também, defendeu a localidade específica dos saberes, bem como suas parcialidades, em "Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial"[11], em especial dos produzidos pelos feminismos.

---

6 ARTIÈRES, Philippe. "Uma política do menor. O GIP como lugar de experimentação política". In: CASTELO-BRANCO, Guilherme; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Foucault: filosofia & política*. Belo Horizonte: Autêntica, 201, p. 320.

7 FOUCAULT, Michel. "Enquête sur les prisons: brisons les barreaux du silence". In: *Dits et écrits II (1970-1975)*. Paris: Gallimard, 1994, p. 178.

8 FOUCAULT, Michel. "Genealogia e poder". In: *Microfísica do Poder*, op.cit., p. 170.

9 HARAWAY, Donna. "Manifesto Ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX". In: *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano.* Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

10 Idem, p. 52.

11 HARAWAY, Donna. "Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial". In: *Cadernos Pagu*. Campinas: Unicamp, Núcleo de Estudos de Gênero, v.5, 1995.

Gilles Deleuze, em *Foucault*[12], destaca que em suas reflexões sobre a concepção de poder, em especial, em 1975, com *Vigiar e Punir*[13], Foucault talvez tenha sido o primeiro a inventar algo que essa nova geração da esquerda, que se insurgiu tanto contra as concepções burguesas quanto contra o marxismo, não tinha conseguido encontrar ou enunciar. A crítica que se realizava era contra um marxismo institucional, centrado no partido de vanguarda e que tinha como proposta a tomada de controle do Estado. Foucault, em 1976, chegou até mesmo a dizer que o Estado, ao longo de sua história, não teve toda esta importância que lhe era atribuída, invertendo o modo como a questão era colocada em "A governamentalidade"[14]: "O que é importante para a nossa modernidade, para nossa atualidade, não é tanto a estatização da sociedade mas o que chamaria de governamentalização do Estado". Seu pensamento, segundo ele próprio, em "Verdade e Poder"[15], foi de início recebido com um grande silêncio por parte da esquerda intelectual francesa, ganhando uma significação maior somente com a abertura política trazida pelos movimentos de maio de 1968. Ele afirma:

> Sem a abertura política realizada naqueles anos, sem dúvida eu não teria tido coragem para retomar o fio destes problemas e continuar minha pesquisa no domínio da penalidade, das prisões e das disciplinas.[16]

Destaco, desse modo, como essa geração de intelectuais, da qual fazem parte Haraway e Foucault, foi constantemente atravessada pelos movimentos sociais. Para além de seus impactos na militância e no pensamento, Foucault menciona as transformações que tais movimentos provocaram em sua própria vida em "Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade"[17] e em "A filosofia analítica da política".[18] Segundo ele, não foram as velhas organizações, tais como os partidos políticos, que produziram essas mudanças nas atitudes, nos comportamentos e na vida das pessoas, mas os numerosos movimentos tais como o feminismo[19] e a cultura gay que produziram reorganizações no

12 DELEUZE, Gilles. *Foucault*. 6a. Ed. Trad. Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005, p. 34.
13 FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 30a. Ed. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2005.
14 FOUCAULT, Michel. "A governamentalidade". In: *Microfísica do Poder*, op.cit., p. 292.
15 FOUCAULT, Michel. "Verdade e Poder". In: *Microfísica do Poder*, op.cit., p. 3.
16 Idem.
17 FOUCAULT, Michel. "Michel Foucault, une interview: sexe, pouvoir et la politique de l'identité". In: *Dits et écrits IV (1980-1988)*. Paris Gallimard, 1994, p. 746.
18 FOUCAULT, Michel. "La Philosophie analytique de la politique". In: *Dits et écrits III (1976-1979)*. Paris: Gallimard, 1994, p. 540.
19 FOUCAULT, Michel. "O sujeito e o poder". In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 234.

campo intelectual, como explicitou em "O triunfo social do prazer sexual: uma conversa com Michel Foucault"[20] e "Da amizade como modo de vida".[21]

Interesso-me, portanto, pelas conexões com as lutas sociais indicadas por Foucault e pela relação crítica que Haraway estabelecia com o feminismo, o socialismo e o materialismo. Mesmo que se trate de uma reflexão que seja fiel a essas três tradições, ela critica o modo dualista como esses sistemas de pensamento ocidentais percebem mente e corpo, animal e máquina, idealismo e materialismo, principalmente ao tematizarem a tecnologia e a ciência.[22] Ela possui uma visão dupla sobre a técnica, chamando a atenção para o fato dela não envolver sempre dominação. Haraway estranha, inclusive, a maneira como se procura, na maioria das vezes, organizar a nossa resistência apoiando-se na recuperação um corpo orgânico genuíno e puro. Nesse sentido, para ela, seria crucial o afastamento e a confusão das fronteiras entre o humano e o animal, o humano e a máquina, o físico e o não-físico.

Haraway relembra que se as identidades estão cada vez mais contraditórias, parciais e estratégicas, não haveria mais razão para o feminismo apostar na construção de uma unidade "essencial" e natural. Para que uma concepção como essa de "mulher" não funcione como uma possibilidade muito maior de exclusões do que inclusões, ela defende uma aproximação por meio da coalizão e da afinidade em torno de uma propósito político, e não baseada em uma identidade fixa e imutável.[23]

O ponto de encontro entre as trajetórias intelectuais de Haraway e Foucault ocorreu entre os anos de 1976 e 1984, nos quais Foucault escreveu sobre: a modernidade, a biopolítica, o neoliberalismo, o poder pastoral, mas, também, para contrastar com o modo de entender a formação do sujeito em seu presente, retornou à cultura antiga e se preocupou com outras formas de produção da subjetividade, em seus cursos dados no Collège de France: *Em defesa da sociedade*[24], *Segurança, Território, População*[25], *Nascimento da biopolítica*[26], *Do governo dos vivos*[27], *Subjetividade e verdade*[28], *A hermenêutica do sujeito*[29], *O governo de si e dos*

---

20 FOUCAULT, Michel. "Le triomphe social du plaisir sexuel: une conversation avec Michel Foucault". In: *Dits et écrits IV*, op.cit., pp. 308-334.

21 FOUCAULT, Michel. "De l'amitié comme mode de vie" In: *Dits et écrits IV*, op.cit., pp. 163 e 167.

22 HARAWAY, Donna. "Manifesto Ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX", op.cit., p. 45.

23 Idem, p. 48.

24 FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da sociedade. Curso no Collège de France (1975-1976).* 4a. Ed. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

25 FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População. Curso dado no Collège de France (1977-1978).* Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

26 FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica. Curso dado no Collège de France (1978-1979).* Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

27 FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos. Curso dado no Collège de France (1979-1980).* Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2014.

outros[30] e *A coragem da verdade. O governo de si e dos outros 2*[31], e as obras e palestras *História da Sexualidade I. A vontade de saber*[32], *História da sexualidade II. O uso dos prazeres*[33], *História da sexualidade III. O cuidado de si*[34], *Malfazer, dizer verdadeiro*[35] e *História da sexualidade IV. As confissões da carne*[36], além das produções reunidas nos terceiro e quarto volume do *Dits et écrits*.[37]

Haraway, por sua vez, lança *Crystal, fabrics, and fields: metaphors that shape embryos*[38], em 1976, e *Manifesto Ciborgue*, em 1985, e podemos perceber ressonâncias das discussões de Foucault acerca da biopolítica, da crítica ao humanismo e da proposta de uma construção de outros modos de poder e de prazer no presente. Ainda, Haraway desdobra o diagnóstico de Foucault da "morte do homem", pois ela se preocupa com a construção de um mito político. Encarando o ciborgue como a nossa ontologia híbrida, ele impacta de tal maneira a nossa política que passa a funcionar tanto como uma realidade material, quanto como possibilita a abertura de um campo de imaginação. Para Haraway, é somente prestando atenção na especificidade dessa configuração subjetiva que poderemos criar uma proposta de transformação histórica. Ela, assim, trava uma luta para configurar outras formas de poder e de prazer nas sociedades tecnológicas[39], compondo um espaço de atuação diverso dos encontrados nas obras do filósofo: o feminismo.

Após esse período no qual a produção intelectual de ambos é contemporânea, Foucault morre em 1984 e Haraway continua elaborando suas reflexões sobre tecnologia, ciência, feminismo, crítica ao humanismo e quebra das hierarquias entre as espécies ao longo das décadas de 1990, 2000 e 2010, com as seguintes principais obras: *Primate Visions: Gender,*

---

28 FOUCAULT, Michel. *Subjetividade e Verdade. Curso dado no Collège de France (1980-1981).* Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

29 FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito. Curso dado no Collège de France (1981-1982).* Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

30 FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros. Curso dado no Collège de France (1982-1983)*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

31 FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade. Curso dado no Collège de France (1983-1984).* Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

32 FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I. A vontade de saber*. 16a ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

33 FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II. O uso dos prazeres.* 11a ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

34 FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III. O cuidado de si*. 9a ed. Trad. Maria Thereza Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

35 FOUCAULT, Michel. *Malfazer, dizer verdadeiro.* Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

36 FOUCAULT, Michel. *Histoire de la sexualité IV. Les aveux de la chair*. Paris: Gallimard, 2018.

37 FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits III (1976-1979)*, *Dits et écrits IV (1980-1988),* op.cit.

38 HARAWAY, Donna. *Crystal, fabrics, and fields: metaphors that shape embryos.* Berkeley, CA: North Atlantic, 2004.

39 HARAWAY, Donna. "Manifesto Ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX", op.cit., p. 45.

Race and Nature in the World of Modern Science[40], *Simians, Cyborgs, and Women: the reinvention of nature*[41], *Modest_Witness@Second_Millennium. FemaleMan_meets_OncoMouse: Feminism and Technoscience*[42], *How like a leaf: and interview with Thyrza Nichols Goodeve*[43], *The Companions Species Manifesto: dogs, people, and significant otherness*[44], *When Species Meet*[45], *Staying with the Trouble: making kin in the Chthulucene*[46] e *Manifestly Haraway.*[47] Entre 1984 e 2016, entretanto, mesmo após a morte de Foucault, seus trabalhos continuarão a ser lançados na França e traduzidos no Brasil, com o exemplo já citado da publicação recente da *História da sexualidade IV*, em 2018. E, certamente, nesse espaço temporal veremos inúmeras possibilidades de encontros entre Haraway e Foucault.

Donna Haraway e Michel Foucault na historiografia

Sobre a recepção das produções dos dois filósofos no nosso país, é importante destacar que o Brasil é um dos locais de maior impacto da obra de Foucault, ganhando traduções de praticamente todos os seus trabalhos lançados, sejam livros, aulas, cursos, palestras, entrevistas ou até mesmo anotações de aulas. Em relação ao diálogo estabelecido com ele pela historiografia, tanto pela "estrangeira", quanto pela brasileira, as relações têm sido fundamentais e crescentes, mesmo que provocando posicionamentos díspares.[48]

40 HARAWAY, Donna. *Primate Visions: Gender, Race and Nature in the World of Modern Science.* New York, London: Routledge, 1989.

41 HARAWAY, Donna. *Simians, Cyborgs, and Women: the reinvention of nature.* London: FAB, 1991.

42 HARAWAY, Donna. *Modest_Witness@Second_Millennium. FemaleMan_meets_OncoMouse: Feminism and Technoscience*. New York, NY: Routledge, 1997.

43 HARAWAY, Donna. *How like a leaf: and interview with Thyrza Nichols Goodeve*. New York, NY: Routledge, 2000.

44 HARAWAY, Donna. *The Companions Species Manifesto: dogs, people, and significant otherness*. Chicago, IL: Prickly Paradigm, 2003.

45 HARAWAY, Donna. *When Species Meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

46 HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016.

47 HARAWAY, Donna. *Manifestly Haraway*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016.

48 Consultar alguns deles em: LÉONARD, Jacques. "L'historien et le philosophe. A propos de: Surveiller et punir; naissance de la prison". In: PERROT, Michelle. *L'impossible prison*. Paris: Seuil, 1980; POSTER, Mark. *Foucault, Marxism and history.* Cambridge: Polity Press, 1984; BURKE, Peter. "Terceira Geração". In: *A Revolução Francesa na Historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989)*. São Paulo: Editora Unesp, 1991); RAGO, Margareth. "As marcas da pantera: Foucault para historiadores". In: *Revista Resgate*, São Paulo: Papirus, nº05, 1993; VEYNE, Paul. "Foucault revoluciona a história". In: *Como se escreve a história. Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora da UNB, 1995; RAGO, Margareth. "Libertar a História". In: RAGO, Margareth, ORLANDI, Luiz B. Lacerda e VEIGA–NETO (Orgs). *Imagens de Foucault e Deleuze: Ressonâncias Nietzchianas*. Rio de Janeiro: D P& A, 2002. (RAGO, 2002); "Experiência: uma fissura no silêncio" (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007).

Já em relação à obra de Haraway, o Brasil conta com poucas traduções de seus livros e entrevistas[49], tendo praticamente boa parte de sua obra ainda desconhecida do público brasileiro em geral. Dentro das historiografias "estrangeira" e brasileira, trabalhos de outras feministas, como os de Judith Butler e de Joan Scott ganharam um destaque maior, referindo-se de maneira menos expressiva às reflexões de Haraway, excetuando-se a atenção dada pelas historiadoras feministas, dentre as quais, a título de exemplo, destaco dois importantes nomes no Brasil que trabalham com o feminismo pós-estruturalista: Margareth Rago[50] e Tânia Navarro-Swain.[51] Ambas, desde 2002, compõem a equipe editorial da *Revista Labrys. Estudos Feministas* que, inclusive, discutiu o ciberfeminismo em seu sétimo número.[52]

Em relação a Foucault, o olhar mais recorrente dos historiadores sobre sua obra recai quase que majoritariamente sobre o tema do poder, do discurso e da sexualidade, e dos sujeitos marginalizados e excluídos da história, tais como os loucos, os prisioneiros, os "pervertidos". Nesse sentido, os últimos volumes da *História da Sexualidade* que tratam das estéticas da existência, do cuidado de si no mundo antigo e das práticas cristãs das confissões da carne ficaram por muito tempo marginalizados. Em contrapartida, o feminismo pós-estruturalista e a teoria *queer* têm valorizado cada vez mais as discussões direcionadas à ética, à produção de novas subjetividades e à transformação do presente. Com a publicação das entrevistas e dos cursos de Foucault, que se iniciou na década de 1990 e continua até os dias de hoje, abriram-se novos campos de estudo sobre o pensamento e a trajetória intelectual do filósofo, tais como o neoliberalismo, o cristianismo, a verdade, as comparações com o mundo

---

49 Ver algumas das traduções a seguir: a de Francisco Caetano Lopes Jr., a HARAWAY, Donna. "Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80". In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e Impasses. O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994; e a de Tomaz Tadeu da Silva: HARAWAY, Donna. "Manifesto Ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX", op.cit.; a de Pedro Peixoto Ferreira e André Favilla a HARAWAY, Donna. "Fragmentos: quanto como uma folha. Entrevista com Donna Haraway". In: *Mediações*. Londrina, v.20, n.1, jan/jun de 2015; as de Mariza Corrêa a HARAWAY, Donna."Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial", op.cit. e a HARAWAY, Donna. "'Gênero' para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra". In: *Cadernos Pagu*. Campinas: Unicamp, Núcleo de Estudos de Gênero, v.22, 2004, pp.201-246; a de Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy a "Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes" In: *ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte.* Ano 3. N. 5, abril de 2016; e a de Ildney Cavalcanti e Amanda Prado a "O manifesto das espécies companheiras - cães, pessoas e alteridade significante [fragmento]". In: *Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)*. Florianópolis: Editora Mulheres /EdUFSC /EdUFAL, 2017.

50 RAGO, Margareth."Epistemologia feminista, gênero e história". In: PEDRO, Joana e GROSSI, Miriam (Orgs.). *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

51 NAVARRO-SWAIN, Tânia. "Quem tem medo de Foucault? Feminismo, corpo e sexualidade". In: PORTOCARRERO, Vera; BRANCO, Guilherme Castelo (Org.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2000.

52 Ver os artigos de: HARCOURT, Wendy. "Cyberspace as a networking tool for feminists"; PAASONEN, Susanna. "Surfing the Waves of Feminism: Cyberfeminism and its others"; WELLS, Tatiana. "O ciberfeminismo nunca chegou à América Latina" 2005). In: *Labrys. Estudos Feministas*. n.7, janeiro/julho de 2005.

antigo, críticas à atualidade e propostas de criações de novas formas subjetivas. A comparação entre as práticas intelectuais de Haraway e Foucault, nessa direção, inspira-se nos trabalhos do feminismo pós-estruturalista[53], como os de J. Scott, J. Butler, M. Rago, M. Mclaren, D. Taylor, K. Vintges, J. Oksala, W. Brown, etc.[54]

A comparação espacial das conexões entre França (Foucault) e Estados Unidos (Haraway), além disso, não se dá somente pelos lugares de atuação e de origem de ambos os filósofos. Lembro que as trocas de Foucault com os Estados Unidos se fizeram muito presentes nos seus últimos anos de vida, entre 1980 e 1983, principalmente porque passou a dar palestras nas University of Berkeley, University of California, University of Vermont e outras. O impacto das reflexões de Foucault no espaço intelectual estadunidense é bastante conhecido, mas também é possível perceber as reverberações dos Estados Unidos (enquanto espaço de práticas intelectuais e de militância política, tais como o feminismo, do qual Haraway faz parte, e o movimento gay) no pensamento de Foucault, reservando-lhe possibilidades de contato com modos de vida e elaborações de pensamentos que lutavam contra o "governo da individualização"[55] presente na organização do Estados modernos e de sua atualidade.

Quanto ao modo de realizar tal exercício comparativo entre Haraway e Foucault, apóio-me em determinado campo da história intelectual, especialmente aquele que se inspira em textos de autores tais como: *Rethinking Modern Intellectual History*[56], de Dominick La Capra; *Trópicos do discurso*[57], de Hayden White; "A história intelectual e o retorno da literatura"[58], de

---

53 Refleti sobre as utilidades do pensamento de Foucault para o feminismo em: "Das utilidades de Foucault para os feminismos contemporâneos: a ética como uma prática política". In: *III Colóquio Internacional de Biopolítica e Educação, 2016, São Leopoldo. Anais do 3o colóquio internacional de Biopolítica e Educação*. Unisinos - RS: Casa Leiria, 2015, pp. 1693-1699.

54 Ver: SCOTT, Joan. "Experiência". In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. *Falas de Gênero*. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999; BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 e "O que é a crítica? Um ensaio sobre a virtude de Foucault". Trad. Gustavo Hesmann Dalaqua. In: *Cadernos de ética e filosofia política*, USP, n.22, 2013; RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013; MCLAREN, Margaret. *Feminism, Foucault and embodied subjectivity* New York: State University of New York Press, 2002; TAYLOR, Dianna; VINTGES, Karen. *Feminism and the final Foucault*. Chicago: University of Illinois Press, 2004; OKSALA, Johana. "Feminism and neoliberal governmentality". In: *Foucault Studies. Foucault and Feminism*, n.16, september 2013; BROWN, Wendy. *Undoing the Demos: Neoliberalism's Stealth Revolution*. New York: Zone Books, 2017.

55 FOUCAULT, Michel. "O sujeito e o poder", op.cit., p. 235.

56 LACAPRA, Dominick. *Rethinking Modern Intellectual History*. Ithaca: Cornell University Press, 1985.

57 WHITE, Hayden. "O fardo da história". In: *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura.* Trad. Alípio Correia de França Neto. São Paulo: Edusp, 1994, pp. 39-63.

58 HARLAN, David. "A história intelectual e o retorno da literatura". Trad. José Antônio Vasconcellos. In: RAGO, Margareth e GIMENES, Renato. *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2000.

David Harlan; *A história repensada* e *A história refigurada*[59], de Keith Jenkins; *Aula*[60] e *O rumor da língua*[61], de Roland Barthes e *Arqueologia do saber*[62] e *A ordem do discurso*[63], do próprio Foucault.

Por meio desses autores, explicito um contraste com determinadas análises que pretendem interpretar um texto tendo em vista a sua inserção social, econômica ou ideológica. Não se partirá de determinado contexto histórico já pré-acabado do período e suas influências nas práticas intelectuais de Haraway e Foucault, já que essa interpretação pressupõe o paradigma histórico da realidade e da representação e busca construir um contexto exterior no qual as idéias dos autores seriam produzidas. Em tal análise, a história acabaria, como afirma La Capra, reduzindo textos a funções ilustrativas.[64] Além disso, essa noção trabalharia com um referente exterior com o qual o texto poderia ser confrontado na busca de sua confirmação, supondo a existência de um real, a qual Barthes denomina "efeito do real".[65] Diferenciando-se dessa concepção já muito criticada, principalmente pelo "pensamento diferencial", descrevo os ditos e escritos de Foucault e Haraway em sua positividade.[66] Percebo, dessa forma, o discurso enquanto materialidade e como prática instituinte, como Foucault defendeu em *A Arqueologia do Saber*[67] e *A ordem do discurso*[68], e Barthes, em *Aula.*[69]

A seguir, destacarei como as formulações teórico-políticas de Foucault e Haraway criaram novas modos de produção do conhecimento, ressaltando como cada um elaborou conceitos próprios e transformou o campo da prática intelectual. Para isso, indicarei como Haraway e Foucault estabelecem outras relações com a ciência, a verdade e a objetividade, principalmente ao proporem que encaremos os saberes como localizados e perspectivos.

59 JENKINS, Keith. *A história repensada*. Trad. Mario Vilela. São Paulo: Contexto, 2004; *A história refigurada*. Trad. Roberto Cataldo Costa. São Paulo: Contexto, 2014.
60 BARTHES, Roland. *Aula. Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França*. Trad. Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Editora Cultrix, 2009.
61 BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo, Brasiliense, 1984.
62 FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972.
63 FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
64 LACAPRA, Dominick. *Rethinking Modern Intellectual History*, op.cit., p. 24.
65 BARTHES, Roland. "O discurso da história". In: *O rumor da língua*, op.cit., p. 178.
66 FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso,* op.cit., p. 70.
67 FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*, op.cit., p.116.
68 FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso,* op.cit., p. 8.
69 BARTHES, Roland. *Aula,* op.cit., p. 27.

Perspectivismo e saberes localizados

Um dos trabalhos de Haraway mais conhecidos do público brasileiro é: "Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial"[70], que foi publicado, em 1988, nos Estado Unidos, e traduzido, no Brasil, em 1995. Neste, Haraway explicita os embates da epistemologia feminista com as concepções tradicionais de verdade e objetividade que estão presentes na produção acadêmico-científica. Relaciono tais reflexões com algumas das que Foucault realizou na década de 1970, em especial em *A ordem do discurso* (1970), *Vigiar e Punir* (1975), "Nietzsche, a genealogia e a História" (1971) e em uma aula do curso *Em defesa da sociedade* (1976). Esses dois últimos trabalhos citados foram publicados na coleção brasileira *Microfísica do Poder*.[71]

Haraway se preocupa com uma "tentadora dicotomia em relação à objetividade"[72], que foi muito utilizada pelas feministas. De um lado, elas defendiam a construção social de todas as formas de conhecimento, inclusive as científicas. Nessas visões, nenhuma perspectiva era privilegiada, já que toda produção de saber era entendida como imbricada com as relações de poder e, dessa maneira, estariam impossibilitadas de chegarem à verdade. Daí o ataque radical à noção de objetividade e a todas as concepções que a acompanham, tais como a universalidade e neutralidade. Nessa crítica à objetividade e à verdade científicas, porém, Haraway vê o aparecimento da seguinte imagem:

> Gênero, raça, até o próprio mundo, tudo parece apenas o efeito da distorção da velocidade do jogo dos significantes num campo de forças cósmico. Todas as verdades tornam-se efeitos distorcidos da velocidade num espaço hiper-real de simulações.[73]

Haraway, nesse trecho, preocupa-se com o espaço de indistinção no qual todo e qualquer tipo de conhecimento produzido é jogado, ironizando que deveria haver, entre nós, que estamos empenhados e engajados na construção de novas epistemologias, o desejo de "falar a respeito da realidade com mais confiança do que a que atribuímos à discussão da direita cristã a respeito da volta de Jesus e a salvação deles em meio à destruição final do

70 HARAWAY, Donna. "Saberes localizados", op.cit.
71 FOUCAULT, Michel. "Nietzsche, a genealogia e a história", "Genealogia e poder". In: *Microfísica do Poder*, op.cit.
72 Idem, p. 8.
73 HARAWAY, Donna. "Saberes localizados", op.cit., p. 10.

mundo".[74] Não se trata, dessa maneira, para ela, de encarar nossa tentativa de produzir outra concepção de conhecimento, como um ato de fé equiparado a qualquer outro culto. Ela sinaliza, portanto, para uma dupla atitude: o reconhecimento das inúmeras mediações que perpassam a elaboração dos saberes que pretendem conhecer o mundo, mas, também, a responsabilidade na escolha e na defesa de uma perspectiva que sustente concepções localizadas de verdade e de objetividade.

Antes de desdobrar o novo olhar que Haraway desenvolve em torno da verdade e da objetividade, retomo as problematizações de Foucault acerca das relações entre o poder e o saber. Ele, assim como ela, fez a crítica às noções universal e neutra da ciência, mas isso não significou uma inabilidade de produzir deslocamentos fundamentais na concepção de regime de verdade científico. Em *A ordem do discurso*, Foucault fala sobre as interdições que reforçam certas regras de organização dos discursos, principalmente em torno dos temas da sexualidade e da política. Ele não encara o discurso, portanto, como um elemento transparente, neutro e pacífico, e a política como o lugar privilegiado do exercício dos "mais temíveis poderes".[75] As relações entre o desejo e o poder são explicitadas, não somente porque o poder seria aquele que manifesta ou oculta o desejo, mas também porque o discurso é ele próprio um objeto de desejo. Nesse sentido, a história nunca pararia de nos ensinar, como ele afirma, que "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar".[76]

Essas palavras se aproximam do que Haraway defende, em 1988, em "Saberes localizados"[77], ao ressaltar que as feministas não precisam de noções de ciência e de objetividade que pressuponham transcendência e escondam as suas mediações e responsabilidades na produção dos saberes. Aqui, Haraway se alia a Foucault, quando este escreve, em 1975, em *Vigiar e Punir*[78], que precisamos admitir que o poder produz saber, pois ambos estão implicados. Ele afirma:

> Não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ou arredio ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento.[79]

---

74 Idem, p. 12.
75 FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso,* op.cit., p. 10.
76 Idem.
77 HARAWAY, Donna. "Saberes localizados", op.cit., p. 16.
78 FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, op.cit., p. 27.
79 Idem.

Ela, também, rejeita uma teoria de poderes inocentes para representar o mundo, na qual linguagens e corpos constituem uma simbiose orgânica. Não há razão, além disso, para continuarmos acreditando em "Sistemas Globais", ou em procedimentos nos quais uma linguagem é imposta como o único referente para a produção das ciências naturais, sociais e humanas. Haraway compara esse reducionismo do conhecimento às trocas do capitalismo:

> O que o dinheiro faz no âmbito das trocas do capitalismo, o reducionismo faz nos poderosos âmbitos mentais das ciências globais: finalmente há apenas uma equação. Está é a fantasia mortal que as feministas e outros identificaram em algumas versões das doutrinas de objetividade a serviço de ordenações hierárquicas e positivistas a respeito do que pode ter validade como conhecimento.[80]

Na mesma direção que Haraway, Foucault combate uma tradição de produção de conhecimento que pressupõe sempre uma vontade de saber e de poder, que separa o verdadeiro do falso, seguindo as mutações científicas que são sempre históricas. Essa vontade de verdade, ainda, é reforçada por todo um conjunto de práticas que se apóia nos livros, nas bibliotecas e nos laboratórios e acaba por circular em toda a sociedade, distribuindo, valorizando e repartindo os saberes de forma diferenciada e hierarquizada. Haraway combate essa ciência que não tem rosto, corpo ou gênero, enquanto Foucault, ao escrever a história das práticas judiciárias e do nascimento da prisão, propõe contá-las por meio de uma "tecnologia política do corpo".[81] Ele, também, critica uma imagem sedutora da verdade, que nos libertaria do desejo e do poder e significaria riqueza, fecundidade, força doce e universal. Haraway se engaja na desconstrução das alegações de uma ciência que acredita na existência dessa imagem, apontando a contingência histórica dessa criação cultural. Por isso, indica o desejo constante de: "Desmascararmos as doutrinas de objetividade, porque elas ameaçavam nosso nascente sentimento de subjetividade e atuação histórica coletiva e nossas versões 'corporificadas' da verdade".[82] Para além dessas críticas, ela propõe um outro projeto de ciência que combata as práticas de dominação, em uma tarefa ético-política empenhada com a transformação do mundo:

> As feministas têm interesse em um projeto de ciência sucessora que ofereça uma explicação mais adequada, mais rica, melhor do mundo, de modo a viver bem nele, e na relação crítica, reflexiva em relação às nossas próprias e às práticas de dominação de outros e nas partes desiguais de privilégio e

80 HARAWAY, Donna. "Saberes localizados", op.cit., pp. 16-17.
81 FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, op.cit., p. 24.
82 HARAWAY, Donna. "Saberes localizados", op.cit., p.13.

> opressão que todas as posições contêm. Nas categorias filosóficas, talvez a questão seja ética e política, mais do que epistemológica.[83]

Saberes subjugados

Para Foucault, em 1977, o grande problema político para o intelectual era refletir sobre o nosso modo de produção da verdade.[84] Haraway propõe uma concepção de ciência que preste atenção "na multiplicidade radical dos conhecimentos locais".[85] Além disso, retoma a discussão explicitada no trecho anterior, ao afirmar que precisamos das teorias críticas modernas para entender como os significados e corpos são construídos, não para negá-los, "mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro".[86] Para Haraway, então, construir uma outra relação com a verdade e com a objetividade, para que elas não sejam mais pensadas pelas posições não marcadas do Homem Branco, implica privilegiar os saberes localizados. Dessa maneira, é fundamental, quando produzimos conhecimento, termos instrumentos teóricos e políticos para elaborarmos os lugares a partir dos quais falamos, bem como os espaços nos quais não estamos. Para isso, só é possível entender a objetividade pela perspectiva parcial, dado que uma visão única, universal e transcendente, que acredita na divisão entre o sujeito do conhecimento e o objeto que se pretende conhecer exime-se de todas as suas responsabilidades na produção dos saberes. Ela defende: "este texto é um argumento a favor do conhecimento situado e corporificado e contra várias formas de postulados de conhecimento não localizáveis e, portanto, irresponsáveis. Irresponsável significa incapaz de ser chamado a prestar contas".[87]

Esse privilégio, dado por Haraway, à perspectiva parcial aproxima-a do argumento que Foucault desenvolveu em "Nietzsche, a genealogia e a história"[88], em 1971. Apoiando-se em Nietzsche, ele defende que a escrita de uma história efetiva é justamente aquela que não teme ser um saber perspectivo. Ao contrário dos historiadores do século XIX, que procuravam apagar o lugar de onde eles olhavam, o momento em que estavam e o partido que tomavam, a concepção nietzschiana de sentido histórico não recusa a sua posição. Haraway quer enfatizar a natureza corpórea de toda visão e denuncia "a apresentação da visão infinita como uma ilusão, um truque de deus".[89] Nietzsche e Foucault combatem esse truque ao proporem uma

83 Idem, p.15.
84 FOUCAULT, Michel. "Verdade e Poder", op.cit., p. 14.
85 HARAWAY, Donna. "Saberes localizados", op.cit., p.16.
86 Idem.
87 Idem, p. 22.
88 FOUCAULT, Michel. "Nietzsche, a genealogia e a história", op.cit.
89 HARAWAY, Donna. "Saberes localizados", op.cit., p. 20.

visão histórica que: "Em vez de fingir um discreto aniquilamento diante do que ele olha (...) é um olhar que sabe tanto de onde olha quanto o que olha".[90]

Fazendo eco ao trecho já citado de Foucault, em "Verdade e Poder",[91] sobre o perigo de certa concepção de proletariado, que o percebe como o grupo que tem acesso direto à verdade por sua condição social, Haraway presta atenção para não romantizar ou apropriar-se da "perspectiva dos subjugados"[92], já que ela não acredita que tais posicionamentos estejam isentos de avaliação crítica, desconstrução ou interpretação. As perspectivas desses grupos não são inocentes e não revelam uma verdade obscura e escondida do pensamento, tal como o louco era compreendido como o outro da razão. Refiro-me, aqui, à reflexão de Foucault, em *A ordem do discurso*, que denuncia a separação e a rejeição do discurso do louco, por meio de dois posicionamentos: por um lado, a palavra do louco era considerada nula, como aquela que não possuía verdade e nem importância; por outro lado, ela possuía estranhos poderes e revelava uma verdade ou uma sabedoria escondida, que o pensamento racional não poderia ter acesso.

Haraway não incorpora uma visão sobre os subjugados seguindo uma leitura que se assemelha a dos médicos em relação aos loucos, ou pressupondo que eles revelassem a tão aclamada verdade universal, como defendido por muitos marxistas. Não haveria uma "inocência" genuína e pura desses grupos, em contraposição ao olhar corrompido da ciência e dos poderes. Ela escolhe essa perspectiva justamente porque os subjugados não escondem e não negam o lugar de onde falam e oferecem explicações, segundo seus próprios termos, "mais adequadas, firmes, objetivas e transformadoras do mundo".[93] Tal como o saber perspectivo defendido por Foucault, a preferência de Haraway por esse posicionamento além de não esconder de onde fala, também a auxilia a não se aliar a um relativismo que defende a "igualdade" de todos os lugares ocupados, quaisquer que eles sejam, negando o interesse pela responsabilidade de se posicionar ao elaborar uma avaliação crítica. Ela explicita essa crítica, defendendo uma epistemologia que privilegia os saberes parciais, locais e críticos, que se apóiam na conexão, na solidariedade e nas conversas compartilhadas:

> (...) a alternativa ao relativismo não é a totalização e a visão única que, finalmente, é sempre a categoria não marcada cujo poder depende de um sistemático estreitamento e obscurecimento. A alternativa ao relativismo são saberes parciais, localizáveis, críticos, apoiados na possibilidade de redes de

90 FOUCAULT, Michel. "Nietzsche, a genealogia e a história", op.cit., p. 30.
91 FOUCAULT, Michel. "Verdade e Poder", op.cit., p. 8.
92 HARAWAY, Donna. "Saberes localizados", op.cit.,p. 22.
93 Idem, p. 23.

> conexão, chamadas de solidariedade em política e de conversas compartilhadas em epistemologia.[94]

Para Haraway, posicionar-se produz sempre uma conexão parcial e, portanto, a objetividade deve ser encarada como a impossibilidade de se estar em todos os lugares, inclusive em todas as categorias subjugadas, tais como o gênero, a raça, a nacionalidade e a classe. Ou seja, a objetividade não pode ser colocada em prática "do ponto de vista do senhor, do Homem, do deus único, cujo Olho produz, apropria e ordena toda a diferença[95], mas também não adianta procurar por uma posição subjugada que seria a mais privilegiada. Ela argumenta, sugerindo, já em 1988, uma saída para o que Pierre Dardot e Christian Laval diagnosticam como sendo um dos grandes problemas para a esquerda de nossa atualidade, "a reprodução da lógica da concorrência no nível das relações entre as 'pequenas comunidades'":[96]

> Sujeição não é base para uma ontologia; pode ser uma pista visual. A visão requer instrumentos de visão; uma ótica é uma política de posicionamentos. Instrumentos de visão mediam pontos de vista; não há visão imediata desde os pontos de vista do subjugado. Identidade, incluindo auto-identidade, não produz ciência; posicionamento crítico produz, isto é, objetividade.[97]

Aproximo essas percepções de Haraway ao que Foucault defendia, em 1976, sobre a eficácia das críticas descontínuas, particulares e locais.[98] Estas possuíam duas características fundamentais. A primeira delas é compreender o seu caráter local não como o sinônimo de um "empirismo obtuso, ingênuo ou simplório, nem ecletismo débil"[99], mas uma produção teórica que não depende mais de um sistema comum. A segunda característica é o privilégio dado aos saberes que tinham sido desqualificados pela falta de cientificidade, como os do doente, do louco, do delinquente, um saber "regional", "diferencial", "incapaz de unanimidade" e produzido pelas pessoas que, segundo ele, de maneira alguma, deveria ser associado ao senso comum, mas, ao contrário, a anti-ciências, compreendidas como a "insurreição dos saberes dominados"[100], tal como consta na tradução brasileira realizada por Roberto Machado.

---

94 Idem.
95 Idem, p. 27.
96 DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 401.
97 HARAWAY, Donna. "Saberes localizados", op.cit., p. 27.
98 FOUCAULT, Michel. "Genealogia e poder". In: *Microfísica do Poder*, op.cit., p.169.
99 Idem.
100 Idem, p. 170.

Dessas aproximações sublinhadas entre Haraway e Foucault, destaco as inspirações e as reverberações, entre milhares de outras possíveis, da aula dada por Foucault, em 1976, na escrita do texto de Haraway, de 1988, mesmo que ela não faça nenhuma citação direta a ele, como ocorre, por exemplo, em seu *Manifesto Ciborgue*, em muitos momentos.[101] Estaria Haraway sentada nas cadeiras do Collège de France, local onde Foucault ministrava as suas aulas? Provavelmente não, mas chamo a atenção para uma importante pista, apoiando-me na análise da tradução estadunidense para o texto de Foucault. Como já mencionei, a aula de 1976 integra a compilação brasileira, *Microfísica do Poder*, traduzida em 1979. Nos Estados Unidos, a edição é de 1980, e foi lançada com o título *Power/Knowledge*.[102]

Mesmo que as edições não possuam exatamente os mesmos textos, as aulas do curso *Em defesa da sociedade*[103] constam na publicação estadunidense, em "Two lectures". A expressão em francês "l'insurrection des 'savoirs assujettis'" aparece em português como a "insurreição dos saberes dominados", como já mencionado, e, em inglês, como "insurrection of subjugated knowledges".[104] Os mesmos termos, "subjugated knowledges"[105] e "local knowledges"[106] são utilizados por Haraway em "Saberes localizados", remetendo diretamente às noções que aparecem na aula de Foucault. É preciso lembrar que essa compilação, na década de 1980, teve ampla circulação tanto na Europa, quanto no Brasil e nos Estados Unidos e, seguramente, Haraway teve acesso a ela. Com essa constatação, para além de reafirmar as utilidades de Foucault para o feminismo, em especial para o de Donna Haraway, defendo que estudar tanto a prática intelectual de Haraway, quanto a de Foucault, pode auxiliar os estudos históricos a compreender melhor tais circulações de conceitos e práticas e, até mesmo, modificar os nossos olhares diante das histórias já escritas sobre as configurações do campo intelectual desse período. Ainda, esse exercício comparativo também se mostrou fundamental para perceber de que maneira o feminismo de Haraway desdobrou, modificou e atualizou as críticas e propostas de transformação de Foucault para um outro modo de produção do conhecimento.

101 HARAWAY, Donna. "Manifesto Ciborgue", op.cit., pp. 37, 102 e 105.
102 FOUCAULT, Michel. *Power/Knowledge: selected interviews & other writings (1972-1977).* Translated by Colin Gordon, Leo Marshall, John Mepham, Kate Soper. New York: Pantheon Books, 1980.
103 O curso completo foi lançado em 1997, na França, em 1999, no Brasil e, em 2003, nos Estados Unidos.
104 FOUCAULT, Michel. *Power/Knowledge*, op.cit., p. 81.
105 HARAWAY, Donna. "Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective". *Feminist Studies,* Vol. 14, No. 3, 1988, p. 584.
106 Idem, p.588.